

Estudo metalexigráfico do *Webster's Encyclopedic Unabridged Dictionary of the English Language (1989)*

Emília Maria Peixoto FARIAS¹
Antônio Luciano PONTES²

Resumo: A metalexigrafia brasileira tem desenvolvido importantes pesquisas relativas aos estudos críticos de produtos lexicográficos desde a década de 80. Dentre outros, destacam-se nesse campo os trabalhos de Biderman (1996; 2003), Finatto (2001a, 2001b), Welker (2004), Damim (2005), Humblé (2006). Dentro da perspectiva da Lexicografia inglesa, o objetivo deste artigo é descrever o conjunto de paradigmas que ordena a complexa e intrincada rede de informações distribuídas no Webster's Encyclopedic Unabridged Dictionary of the English Language (1989), doravante Webster's (1989), o dicionário que se consolidou ao longo de sua história como um dos tesouros de referência da língua e da cultura inglesas desde o século XX.

Palavras-chave: Lexicografia; Metalexigrafia; Dicionário de língua inglesa.

Abstract: The Brazilian metalexigraphy has contributed with relevant researches on evaluative and critical studies of lexicographic products since the 80's. Among those studies, some have become referencial such as Biderman (1996; 2003), Finatto (2001a, 2001b), Welker (2004), Damim (2005) and Humblé (2006). Within the English lexicographic perspective, the objective of this paper is to describe the elements that constitute the different paradigms of the Webster's Encyclopedic Unabridged Dictionary of the English Language (1989), henceforth Webster's (1989), to find out how the complex and intricate net of information about de lexicon of the English language was constructed. The Webster's (1989) has been considered a comprehensive thesaurus of the English language and culture since the XIX century.

Keywords: Lexicography; Metalexigraphy; Dictionary of the English language.

Introdução

Ao considerarmos a evolução do homem, podemos dizer que os dicionários são parte integrante da evolução da língua. A palavra dicionário tem sua origem no latim medieval *dictionary*, significando coleção de palavras. No entanto, mesmo tendo origem latina, a tradição de colecionar e organizar palavras em forma de listas remonta ao tempo dos Acádios, povo habitante da região central da Mesopotâmia, no século VII a.C.

Segundo Welker (2004, p. 62), "existiam [...] listas bilíngues onde cada termo sumério é apresentado com sua tradução em

1 Doutora em Linguística pela UFPE. Professora da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza - CE. Correio eletrônico: emiliapfarias@gmail.com.

2 Doutor em Linguística pela UNESP - Assis/São Paulo. Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros - RN. Correio eletrônico: pontes321@hotmail.com.

acadiano e essas tiveram um papel cada vez mais importante [...]”. Essas listas bilíngues apresentavam organização a partir de campos semânticos ligados, principalmente, às atividades mercantis da época. Os babilônios também estão inseridos nessa pré-história da Lexicografia ao produzirem suas listas de palavras três milênios antes da era cristã.

Dessa forma, não podemos afirmar que a atividade lexicográfica tenha sido desenvolvida na Antiguidade, pois bem antes desse período a paleolexicografia já havia alcançado desenvolvimento expressivo, uma vez que os eblaitas, sumérios, acadianos e babilônios já haviam produzido suas listas bilíngues (cf. FARIAS, 2007).

O fazer lexicográfico é atividade que se solidificou com o desenvolvimento mercantilista entre os povos antigos da Mesopotâmia. Como vemos, a arte de colecionar palavras acompanha a história do homem e isso contribuiu singularmente para a pluridimensionalidade do termo Lexicografia, como veremos a seguir.

A Lexicografia pode ser definida como ciência, disciplina, técnica, prática ou mesmo a arte de fazer dicionários. Essas noções estão vinculadas à perspectiva prática. No entanto, há outra que se ocupa dos aspectos estritamente teóricos denominada metalexicografia.

No âmbito da metalexicografia, incluem-se os estudos vinculados à paleografia, à compilação de glosas, à análise dos múltiplos aspectos atinentes à tipologia dos produtos lexicográficos, à elaboração de dicionários, à crítica dos modos de fazer dicionários, às investigações sobre a história da Lexicografia e, aos estudos sobre uso de dicionários especialmente na sala de aula.

Para efeito deste trabalho, tomaremos a Lexicografia teórica, ou metalexicografia, como disciplina que descreve e analisa o fazer lexicográfico de diferentes sincronias, a partir de critérios metodológicos e paradigmas de informações utilizados na conformação de produtos lexicográficos.

A escolha pelo *Webster's* (1989) deve-se ao fato de ser uma obra de referência da língua inglesa e sua estrutura enciclopédica o torna um tesouro da língua, por apresentar um vasto repertório léxico acompanhado de informações etimológicas, fonológicas, gramaticais como classe gramatical, gênero, regência, semânticas como sinonímia, antonímia e informações enciclopédicas que o caracterizam como um dicionário-padrão de língua inglesa, ou seja, uma obra de referência

linguístico-cultural para os falantes daquela língua. Conforme Krieger,

a constituição tradicional da nomenclatura na obra lexicográfica monolíngüe, em geral chamada de dicionário de língua, é de caráter qualitativo e não apenas quantitativo. Tal modelo é geralmente tomado como paradigma, por excelência, do fato dicionário, já que sua proposta é a de repertoriar o conjunto das palavras e expressões de uma língua e oferecer inúmeras informações sobre a gramática da palavra-entrada, seus sentidos e seus usos. O modelo completo cobre ainda fonética, a história, via etimologia, os dados do funcionamento lingüístico e discursivo das palavras-entrada. Por tudo isto, é uma espécie de dicionário padrão. O conjunto de informações que este tipo de dicionário oferece o tornam um lugar privilegiado de lições sobre a língua (KRIEGER 2003, p. 70-87).

Conforme Biderman (1984), o tesouro vocabular acha-se inserido em momentos históricos da evolução da língua e em determinada norma cultural. A autora faz referência a Jean Dubois (1971) para definir norma cultural:

Essa norma não é definida apenas pela aceitabilidade de todos os termos e de todas as frases contidas no dicionário, mas também por aquela dos enunciados engendrados pelo modelo sociocultural. Os termos não remetem apenas às palavras da língua; eles não são somente objetos da metalíngua linguística; eles remetem também a enunciados culturais, a uma visão de mundo. () o dicionário visa tornar-se uma norma explícita da cultura da comunidade. A sanção lexicográfica se identifica à sanção pedagógica: aquele que emprega termos não contidos no "tesouro" comum se exclui da comunidade nacional. (DUBOIS³, 1971 *apud* BIDERMAN, 1984, p. 99-100).

Em linha com Biderman (1984), o dicionário padrão de língua passa a ser referência e como tal desempenha papel normativo dentro da comunidade linguística. Na sociedade brasileira contemporânea o *Aurélio*, o *Michaellis* e o *Houaiss* exercem essa função. Nas sociedades anglófonas, o *Webster*, dentre outros, também exerce o papel de referência linguístico-cultural àqueles que se interessam pela língua inglesa.

Como vemos, os estudos lexicográficos contribuem para a consolidação da metalexigrafia como disciplina teórica por proporcionar a revisão de princípios e práticas lexicográficas adotadas ao longo dos tempos, por possibilitar a solução de problemas no processo de geração de produtos como glossários, dicionários e tesouros e, finalmente, por poder cada vez mais fazer ver ao mundo que os dicionários são muito

3 DUBOIS, J.; DUBOIS, C. Introduction à la lexicographie: le dictionnaire. Paris: Larousse, 1971.

mais do que repositórios de palavras.

A organização do Dicionário

O texto lexicográfico se organiza em vários níveis estruturais, ou seja, constitui-se de uma estrutura global denominada megaestrutura, na qual se encaixam outras menores, como a microestrutura, a macroestrutura, o material interposto e a medioestrutura. Isso significa que o texto lexicográfico se organiza a partir de uma sucessão de informações que se apresentam com algum tipo de dependência mútua, isto é, as informações não aparecem na sua composição de maneira aleatória ou ao acaso; pois se é um texto, é possível identificar os traços característicos que fazem com que a sucessão de informações tenha coerência e, além disso, estejam conectadas entre as porções internas do produto.

A noção de megaestrutura para Damim (2005) equivale à estrutura geral do dicionário, compreendendo suas partes principais: as páginas iniciais (elementos preliminares, material anteposto), o corpo (nomenclatura ou macroestrutura) e as páginas finais (material posposto), sendo que a primeira e a última, juntas com os textos interpostos, constituem o material externo - textos externos, para Welker (2004), ou seja, informações que rodeiam a parte central, o corpo do dicionário. O corpo do dicionário é organizado em uma **macroestrutura**, uma **microestrutura** e uma **medioestrutura**. Definiremos a seguir cada uma delas.

A macroestrutura

Entende-se por macroestrutura o conjunto de entradas organizadas verticalmente no corpo do dicionário. Essas entradas em geral estão em ordem alfabética para facilitar a leitura por parte do usuário. Gaudin e Guespin (2002, p.112) acrescentam ser ainda "a macroestrutura de um dicionário constituída de entradas que correspondem a um conjunto de formas lematizadas". Denomina-se lematização a transformação de unidades de discurso em lema, "unidade léxica ideal que representa um paradigma de formas flexionadas. Essa unidade constitui a típica entrada de dicionário e representa todas as

demais formas do paradigma” (BIDERMAN, 1984, p.139).

Outro termo comumente utilizado em português para referir-se à macroestrutura é **nomenclatura**. No entanto, Bejóint⁴ (2000, p. 13 *apud* WELKER, 2004, p. 81) ressalta que:

alguns usam *macroestrutura* como sinônimo de *nomenclatura*, mas é preferível usar este último termo como equivalente de *word-list*, ao passo que o primeiro pode ser empregado para referir-se à maneira como o conjunto de entradas é organizado nos diversos dicionários (Bejóint, 2000, p. 13 *apud* WELKER, 2004, p. 81, grifo do autor).

A análise da macroestrutura do dicionário envolve uma gama de informações dispostas de forma criteriosa que incluem: a seleção do léxico, o arranjo das entradas, a apresentação das palavras como homônimas ou polissêmicas, o tamanho da nomenclatura, textos complementares, dentre outros.

Ainda de acordo com Welker (2004), o termo macroestrutura é usado também para referir ao conteúdo completo do dicionário ou sua estrutura geral (DAMIM, 2005) incluindo os textos externos, quais sejam: os textos anteriores (textos inseridos na capa, folha de rosto, orelhas, prefácio, guia de uso, dentre outros), interiores (a nomenclatura ou corpo do dicionário) e os posteriores (por vezes, apêndices que incluem resumo de gramática, lista de pesos e medidas, abreviaturas, bibliografia, para citar alguns).

A medioestrutura

Outro nível estrutural de descrição de um dicionário denomina-se medioestrutura⁵. Entende-se por este segmento o sistema de referência entre as diferentes partes do dicionário. Segundo Damim (2005), o plano medioestrutural corresponde a um sistema de articulação entre a macro, a microestrutura e outros componentes do dicionário, como o material anteposto, o material posposto e o material interposto, e de todos esses elementos com o usuário. Nesta estrutura do dicionário, situam-se as remissivas.

As remissões são muito comuns nos dicionários de quaisquer tipos. Segundo Martínez de Sousa (1995), uma de suas funções mais importantes é a de evitar a repetição da mesma informação em duas

4 BEJÓINT, H. *Modern Lexicography: an introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

5 Gelpí Arroyo (2000) propõe a terminologia estruturas de acesso, no lugar de medioestrutura.

palavras ou em duas acepções sinônimas. Outra função da remissiva é facilitar ao leitor a ampliação de conhecimento em relação ao tema da consulta, enviando-o a entradas ou a partes dos verbetes cuja leitura pode ilustrar-lhe com mais precisão ou amplitude. Sobre o sistema de remissivas, Biderman (1984, p.142) afirma que:

[...] no texto de um verbete é frequente o dicionarista remeter a outra palavra. Essa prática⁶ tem a vantagem de economizar espaço, além de evitar-se a repetição de informações que já foram dadas em outro verbete e por isso remete a ele (Biderman, 1984, p.142).

O material interposto

Outro paradigma integrante de um dicionário denomina-se material interposto. Damim (2005) entende por material interposto o conjunto de elementos complementares às informações da microestrutura, intercalados na macroestrutura. Podem aparecer sob a forma de ilustrações, tabelas, mapas, diagramas. No *Webster's* (1989) esse paradigma é composto por um conjunto de informações distribuídas em notas de rodapé que incluem: divisão silábica dos lexemas, classe de palavras, transcrição fonética, etimologia e remissões cruzadas.

A microestrutura

Outro paradigma constitutivo de um dicionário denomina-se microestrutura, que consiste em um conjunto de paradigmas (ou informações) ordenados e estruturados, dispostos horizontalmente, ou seja, linearmente, após a entrada, dentro de cada verbete.

Segundo Lehmann e Martin-Berthet (1998), paradigma se define como sendo cada elemento de informação referente às unidades léxicas. Assim, a etimologia, as informações fonéticas, a definição são exemplos de paradigmas.

A microestrutura comporta um certo número de paradigmas que nem sempre estão presentes em todas as obras, dependendo de sua

⁶ Por razões pedagógicas, as remissivas têm suas funções, entre elas a de fazer o consulente aprender bem uma palavra. Segundo Biderman (1984), para que o consulente compreenda bem o significado e o uso da palavra, é preciso contrapô-la a outras palavras de significação próxima, ou oposta. Ninguém aprende, ou apreende uma unidade de léxico isoladamente, uma vez que o léxico é formado de campos léxicos e grandes redes semânticas integradas. Muitas vezes, é só através da compreensão de um campo léxico, ou de uma rede, que o usuário poderá tomar consciência exata do valor de uma palavra.

natureza. Certos paradigmas possuem um caráter quase obrigatório, e outros parecem mais facultativos. Assim, num dicionário de cunho histórico, a presença da etimologia é uma informação imprescindível. Já num dicionário escolar, essa informação não é necessária.

De acordo com Barbosa (1989), além dos paradigmas apontados no quadro acima, outros podem, ainda, ser introduzidos. Isso vai depender das necessidades impostas pela natureza da obra, suas funções e o público-alvo. Outros tipos de dados podem ainda ser introduzidos no interior dos macroparadigmas, desde que sejam constantes em todos os verbetes: índices de frequência; nível de rapidez de difusão de uma palavra; emprego preferencial por um autor; relações de significação, como sinonímia, antonímia, homonímia, analogias, ilustrações.

Para Lehmann e Martin-Berthet (1998), cada obra adota um programa de microestrutura agrupando tipos de informações que caracterizam as palavras que formam a macroestrutura (presença ou não de informações históricas, de transcrições fonéticas). Um dicionário escolar prototípico, por exemplo, pode conter um programa de microestrutura com os seguintes paradigmas: informações gramaticais, definição, exemplo de uso, marcas de uso, remissivas.

Welker (2004) distingue uma **microestrutura abstrata** e uma **microestrutura concreta**. A microestrutura abstrata define-se como um modelo preestabelecido que será preenchido com os dados reais que constituirão a microestrutura concreta. Assim esse plano abstrato determinará quais elementos irão constar na microestrutura e a ordem em que eles irão aparecer, resultando na padronização dos verbetes.

Barros (2004) apresenta um modelo de microestrutura abstrata elaborado por Barbosa (1990) constituído por três macroparadigmas: um paradigma informacional (PI), um paradigma definicional (PD) e um paradigma pragmático (PP). Tal modelo pode ser melhor compreendido a partir da figura:

Verbete = [+ entrada + enunciado lexicográfico (+/- **PI1**, + **PD**, +/- **PP**, +/- **PI2**, ... **PI_n**], onde:

O verbete compreende uma palavra-entrada lematizada e um enunciado lexicográfico que, por sua vez, é composto de: um paradigma informacional que carrega informações a respeito de gênero, número, classe gramatical, transcrição fonética ou mesmo etimologia

da entrada; um paradigma definicional constituído da definição da entrada; um paradigma pragmático que representa a entrada em funcionamento, em contexto de uso, também denominado abonação e outros paradigmas informacionais que complementam a cadeia de informação como a rede de remissivas (sinônimos ou antônimos) e aspectos de natureza enciclopédica (Cf. BARBOSA 2001).

A estrutura do verbete proposta por Wiegang (1989), citado por Welker (2004, p.108) se assenta em dois eixos: **comentário de forma**, que corresponde ao paradigma informacional de Barbosa (2001), e o **comentário semântico** que corresponde aos paradigmas definicionais complementares.

O Webster's (1989) e sua estrutura organizacional

O *Webster's* (1989) como dicionário enciclopédico possui uma estrutura organizacional muito complexa. A rede de informações se complementa ao longo de suas 1.664 páginas como uma teia que permeia a macroestrutura e a microestrutura do dicionário.

Como discutido anteriormente, as obras lexicográficas têm, de uma maneira geral, em sua estrutura dois grandes eixos denominados de macroestrutura e microestrutura. A macroestrutura compõe uma rede de informações composta por todo conteúdo contido nas páginas iniciais, no corpo do dicionário e nas páginas finais da obra.

O Webster's (1989) e sua macroestrutura

O termo macroestrutura é usado aqui para referir ao conteúdo completo do dicionário ou sua estrutura geral, como definido anteriormente. No *Webster's* (1989) a rede de informações constitutiva deste paradigma inclui: notas explicativas referentes às mais de 1.664 páginas da obra, aos mais de 250 mil verbetes com suas sucessivas revisões e atualizações, principalmente aqueles que dizem respeito a aspectos geográficos, às mais de 2.000 ilustrações, às listas de presidentes e vice-presidentes dos Estados Unidos da América, aos documentos de Declaração da Independência Americana e à Constituição dos Estados Unidos, ao Manual de Estilo e, finalmente, ao Quadro de Línguas Indo-Europeias.

Destacamos que dentre as informações apresentadas na obra, há aspectos ricamente detalhados. Citamos a Chave de Pronúncia composta por 45 fonemas vocálicos (monotônicos e ditongos) e consonânticos, todos acompanhados de exemplificação para uma melhor compreensão por parte do consulente. Vejamos alguns exemplos: **ä** – **art, calm**; **á** – **aid, cape, way**; **oi** – **boil, joy**; **z** – **zeal**; **v** – **virgin**.

A Chave Etimológica inclui 71 formas abreviadas e 05 símbolos tipográficos. Das abreviaturas ilustramos: **abl.** – ablativo; **b.** – blendof, blended; **cf.** – compare; **nom.** – nominative; **perh.** – perhaps. Dos símbolos tipográficos, citamos: **<** - descendfrom, derivedfrom; **<<** - descendedfrom, derivedfromthroughintermediatestagesnotshown; **>**whence- ?originunknown, perhaps; ***** - hypotherical.

O Quadro de Línguas Indo-Europeias é composto por símbolos que indicam a relação da palavra-entrada com as línguas seja por procedência direta, indireta ou origem desconhecida ou hipotetizada, seja por descendência. Integram esse Quadro 107 abreviaturas, das quais citamos ilustrativamente: **AF** – Anglo-French; **AmerSp** – American Sanish; **B** – Bulgarian; **Celt** – Celtic; **Finn** – Finnish; **Por** – Old Provençal; **OS** – OldSaxon; **ScotGael** – ScotsGaelic; **WFlem** – West Flemish.

Compõem também a macroestrutura do Webster's (1989) dois outros Quadros: o de Pesos e Medias referentes ao sistema inglês ao sistema métrico e o dos alfabetos das seguintes línguas: árabe, alemão, grego, hebraico e russo. Os alfabetos estão organizados em três colunas nas quais são discriminados: a letra, o nome da letra e a transliteração.

O Webster's (1989) e sua microestrutura

O verbete do Webster's (1989) é complexo ou polissêmico por compreender mais de uma acepção. Nas palavras de Pontes (2009, p. 101), "cada acepção é o sentido que, em determinados contextos, adquirem as palavras (...)". A polissemia é identificada por meio da numeração sequencial representada abaixo por: **1.** a book containing a selection of words of a language usually arranged alphabetically, giving information (...) e **2.** a book giving information on particular subjects or on a particular class of words, names, (...).

O verbete lexicográfico referido é constituído de **Entrada** e

Enunciado Lexicográfico. A Entrada é apresentada de forma lematizada e separada silabicamente, seguida do **paradigma informacional** que compreende: transcrição fonética, classe gramatical, forma de plural. Na sequência acham-se os paradigmas definicional, composto de informações explícitas, e pragmático. Destacamos que há ao final do verbete mais um **paradigma informacional** que inclui informações complementares como: origem da palavra-entrada e remissivas.

dic-tion-ar-y (dik' sh« ner é), n., pl. – **ar. ies.** **1.** a book containing a selection of words of a language usually arranged alphabetically, giving information about their meanings, pronunciations, etymologies, inflected forms, etc, expressed in either the same or another language; lexicon; glossary: *a dictionary of English; a French - English dictionary.* **2.** a book giving information on particular subjects or on a particular class of words, names, or facts, usually arranged alphabetically: *a biographical dictionary; a dictionary of mathematics.* [< ML *dictionary(um)*, lit., a wordbook < LL *dictiōn-word* (see *DICTION*) + *-arium* – *ARY*]

Webster's (1989, p. 400).

Finalmente ressaltamos que a riqueza e a complexidade de informações registradas no *Webster's Encyclopedic Unabridged Dictionary of the English Language* (1989) demonstraram ser costuradas numa articulada rede de dados que asseguram o *status* de não somente um verdadeiro tesouro lexicográfico da língua inglesa, mas parte indiscutível de sua história e de sua memória.

Referências

BARBOSA, M. A. Da microestrutura dos vocabulários técnico-científicos. In: **Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL**. Recife, p. 567-578, 1989.

_____. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, I. M. (org.). **A constituição da normalização terminológica no Brasil**. 2 ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001.

BARROS, L. A. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: Edusp, 2004.

BIDERMAN, M. T. C. A ciência da lexicografia. **Alfa**, São Paulo, v.28, supl., p.1-26, 1984.

BIDERMAN, M. T. C. Léxico e vocabulário fundamental. **Alfa**, São Paulo, v.40, p.27-46, 1996.

BIDERMAN, M. T. C. Traditional and contemporary portuguese dictionaries. **Alfa**, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 53-69, 2003.

DAMIM, C. P. **Parâmetros para uma avaliação do dicionário escolar**.

Porto Alegre: UFRGS, 2005. Dissertação de Mestrado. (Mestrado em Estudos da Linguagem). Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

FARIAS, E. M. P. Breve história do fazer lexicográfico. **Revista TRAMA**. N.5, v. 3, 2007. Paraná: Unioeste, p.89-97, 2007.

FINATTO, M. J. B. **Definição terminológica**: fundamentos teórico-metodológicos para sua descrição e explicação. Porto Alegre: UFRGS, 2001 (a). 395p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001a.

_____. A definição terminológica no dicionário TERMISUL: expressão linguística de relações conceituais complexas. In: OLIVEIRA, A. M. P. de; ISQUERDO, A. N. (org.) **As Ciências do Léxico**. 2ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. 268p. p.211-224.

GAUDIN, F ; GUESPIN, L. **Initiation à la lexicologie française**: de la néologie aux dictionnaires. Bruxelles: Duculot, 2002.

HUMBLÉ, P. M. R. Melhor do que muitos pensam: quatro dicionários bilíngües português-inglês de uso escolar. UFSC: **Cadernos de Tradução**, n 18, 2006. p. 253-273, 2006.

KRIEGER, M. G. Dicionário de língua: um instrumento didático pouco explorado. In: TOLDO, C. S. (org.). **Questões de Lingüística**. Passo Fundo: UPF Editora, p. 70-87, 2003.

LEHMANN, A.;MARTIN-BERTHET, F. **Introduction à la lexicologie**: sémantique et morphologie. Paris, Dunod, 1998.

MARTÍNEZ DE SOUZA, J. **Diccionario de lexicografía práctica**. Barcelona: Bibliograf, 2005.

PONTES, A. L. **Dicionário para uso escolar**: o que é como se lê. Fortaleza: Ed. UECE, 2009.

WELKER, H. A. **Dicionários**: uma pequena introdução à lexicografia. Brasília, Thesaurus, 2004.

Recebido em 31 de março de 2013.

Aceito em 17 de junho de 2013.